



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

**DIÁLOGOS ENTRE OS ESTUDOS PÓS-COLONIAIS E O FEMINISMO LATINO-AMERICANO**

**Janssen Felipe da Silva**

janssenfelipe@hotmail.com

Universidade Federal de Pernambuco

Brasil

**Aline Renata dos Santos**

aline.renata24@hotmail.com

Universidade Federal de Pernambuco

Brasil



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

### RESUMO

O presente trabalho objetiva realizar um diálogo entre os Estudos Pós-coloniais e o Feminismo Latino-americano. Este diálogo é fruto da discussão teórica desenvolvida em uma pesquisa de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco, que tratou das marcas da patriarcalização e de despatriarcalização nas imagens de mulheres nos Livros Didáticos do território campesino do Brasil e da Colômbia. Para isto, destacamos os seguintes conceitos dos Estudos Pós-coloniais: a) colonialismo-colonização; b) racionalização; c) racialização; d) colonialidade nos eixos: do poder; do ser; e do saber; e) diferença colonial; f) geopolítica; g) corpo-política; h) descolonização (Dussel; 1994; Quijano, 2000; 2005; Mignolo 1996, 2011). E do Feminismo Latino-americano evidenciamos os conceitos a seguir: a) patriarcado; b) entronque patriarcal; c) colonialidade de gênero; d) interseccionalidade; e) despatriarcalização (Curiel, 2009; Mohanty, 2008; Paredes, 2010; Espinosa-Miñoso, 2014, 2012; Lugones, 2013). Fazemos uso da pesquisa bibliográfica e da Análise de Conteúdo via Análise Temática (Bardin, 2011; Vala, 1986). O referido Feminismo luta por uma reconfiguração sócio-histórica, política e por emancipação das amarras imperiais instituídas com o estabelecimento do Sistema mundo patriarcal-colonial-moderno-capitalista (Grosfoguel, 2008). O diálogo entre os Estudos Pós-coloniais e o Feminismo Latino-americano decorre na medida em que questionam o lócus de enunciação de conhecimento eurocêntrico e suas formas de produção prescritas como válidas e universais e apontam para a valorização e a legitimação de outros lugares de enunciação que produzam conhecimentos outros. Assim estas abordagens nos permitem compreender as mulheres latinas americanas como protagonistas de lutas políticas e epistêmicas na construção e na constituição de uma sociedade descolonial e despatriarcalizada.

**Palavras-chave:** Estudos Pós-coloniais; Feminismo Latino-americano.



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

### ABSTRACT

The present work aims at a dialogue between Postcolonial Studies and Latin American Feminism. This dialogue is the result of the theoretical discussion developed in a master's research of the Post-Graduation Program in Education of the Federal University of Pernambuco, which dealt with the patriarchalisation and depatrialization of women in the Didactic Books of the peasant territory of Brazil and Colombia. For this, we highlight the following concepts of Postcolonial Studies: a) colonialism-colonization; b) rationalization; c) racialization; d) coloniality in the axes: of power; of being; and knowledge; e) colonial difference; f) geopolitics; g) body politic; h) decolonization (Dussel; 1994; Quijano, 2000; 2005; Mignolo 1996, 2011). And from Latin American Feminism, we highlight the following concepts: a) patriarchy; b) patriarchal junction; c) gender coloniality; d) intersectionality; despatriarcalization (Curiel, 2009; Mohanty, 2008; Paredes, 2010; Espinosa-Miñoso, 2014, 2012; Lugones, 2013). We make use of bibliographic research and Content Analysis via Thematic Analysis (Bardin, 2011; Vala, 1986). The said Feminism fights for a socio-historical, political reconfiguration and by emancipation from the imperial moorings instituted with the establishment of the patriarchal-colonial-modern-capitalist world system (Grosfoguel, 2008). The dialogue between Postcolonial Studies and Latin American Feminism arises insofar as they question the locus of enunciation of Eurocentric knowledge and its prescribed forms of production as valid and universal and point to the valorization and legitimation of other places that produce other knowledge. Thus these approaches allow us to understand the Latin American women as protagonists of political and epistemic struggles in the construction and the constitution of a decolonial and despatrialized society.

**Keywords:** Postcolonial Studies; Latin American Feminism.



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

### Introdução

O presente trabalho objetiva realizar um diálogo entre os Estudos Pós-coloniais e o Feminismo Latino-americano. Este diálogo é fruto da discussão teórica desenvolvida em uma pesquisa de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco, que tratou das marcas da patriarcalização e de despatriarcalização nas imagens de mulheres nos Livros Didáticos do território campestre do Brasil e da Colômbia. Esta pesquisa faz parte do Grupo de Pesquisa Estudos Pós-Coloniais Latino-americanos, Teoria da Complexidade e Educação<sup>1</sup>. No intuito de atender ao objetivo deste trabalho destacamos os seguintes conceitos dos Estudos Pós-coloniais: a) colonialismo-colonização; b) racionalização; c) racialização; d) colonialidade nos eixos: do poder; do ser; e do saber; e) diferença colonial; f) geopolítica; g) corpolítica; h) descolonização (Dussel; 1994; Quijano, 2000; 2005; Mignolo, 1996, 2011). E do Feminismo Latino-americano evidenciamos os conceitos a seguir: a) patriarcado; b) entronque patriarcal; c) colonialidade de gênero; d) interseccionalidade; e) despatriarcalização (Curiel, 2009; Mohanty, 2008; Paredes, 2010; Espinosa-Miñoso, 2014, 2012; Lugones, 2013). Utilizamos da pesquisa bibliográfica e da Análise de Conteúdo, via Análise Temática por meio de Bardin (2011) e Vala (1986).

Partimos da compreensão de que as mulheres latino-americanas racializadas têm constituído e construído feminismos<sup>2</sup> que intencionam romper com o patriarcado colonial-moderno, fundado através dos processos de colonialismo e colonização da Abya Yala<sup>3</sup> na formação do sistema mundo moderno/colonial.

O Feminismo Latino-americano retira a cortina de fumaça que oculta e desvirtua os conhecimentos, as formas de viver, as culturas e as histórias das mulheres latino-americanas. Para isto, parte de dois movimentos simultâneos: a) o primeiro se dá com o questionamento do Feminismo Hegemônico que têm reproduzido relações coloniais; b) o segundo movimento acontece

---

<sup>1</sup> Coordenado pelo Prof. Dr. Janssen Felipe da Silva Associado I da Universidade Federal de Pernambuco Campus Acadêmico do Agreste – UFPE/CAA.

<sup>2</sup> Utilizamos o termo no plural por entendemos que em diferentes tempos e espaços foram construídos distintos movimentos feministas e, portanto, diferentes perspectivas de feminismo.

<sup>3</sup> Destacamos que Abya Yala é uma das nomeações atribuídas a América pelos povos Kuna, que “significa Terra Madura, Terra Viva ou Terra em florescimento e é sinônimo de América” (Porto-Gonçalves, 2009, p. 25).



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

através da construção de uma teoria política e epistemológica propositiva tecida na América Latina (Paredes, 2010).

O primeiro movimento denuncia a relação saber-poder imposta pelo Feminismo Hegemônico que mira as mulheres latino-americanas como vítimas e que não possuem conhecimento. O segundo articula-se ao primeiro na medida em que o Feminismo Latino-americano Descolonial tem realizado uma virada epistêmica enraizada no território da Abya Yala. De acordo com Espinosa-Miñoso (2014), isto acontece por meio da recuperação das tradições e dos saberes das mulheres racializadas da Abya Yala.

As aproximações epistemológicas com os Estudos Pós-coloniais Latino-americanos subsidiam na compreensão de como foi instaurado e imposto o modelo de sociedade patriarcal moderno/colonial através do processo de colonialismo, no nascimento do sistema mundo moderno/colonial.

A título de organização, o artigo está dividido nas seguintes seções: a) Origem dos Estudos Pós-coloniais e do Feminismo Latino-americano; b) Diálogo entre os Estudos Pós-coloniais e o Feminismo Latino-americano; c) Conclusões.

### **Origem dos Estudos Pós-coloniais e do Feminismo Latino-americano**

Os Estudos Pós-Coloniais, na vertente Latino-americana, emergem dos Movimentos Sociais da América Latina/Abya Yala, tais como: indígena, negro, feminista, camponês. Estes Movimentos lutam por uma reconfiguração sócio-histórica e por emancipação das amarras imperiais instituídas pelo processo de Colonialismo/Colonização. Assim, reivindicam o direito de ser, de pensar, de viver e de relacionar-se com a natureza fora dos moldes da razão moderna/eurocêntrica dominante.

Destacamos, nos Estudos Pós-Coloniais Latino-americanos, o fato de desafiar as estruturas modernas de poder e de produção de conhecimento. Para tanto, os Estudos Pós-Coloniais identificam os territórios e os povos silenciados que colocam em xeque a razão moderna/eurocêntrica, a versão eurocêntrica de história, como também a Herança Colonial, ou seja, a colonialidade (Mignolo, 1996). Estes povos tomam os seus territórios como lugares de resistência e de enunciação de saberes e de cultura deixados pelos seus antepassados.



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Inicialmente, os Estudos Pós-Coloniais Latino-americanos introduziram-se na academia através do Grupo Modernidade/Colonialidade. É um grupo heterogêneo e transdisciplinar constituído por intelectuais da América Latina. Estes intelectuais almejam o rompimento decisivo da construção discursiva da ciência moderna para construir espaços de produção de conhecimentos, distintos dos impostos pelas amarras modernas de dominação/exploração (Escobar, 2003).

Além disso, o Grupo Modernidade/Colonialidade também buscou o desvelamento de pensamentos, de formas de viver, de mundos outros, que estiveram negados e silenciados pelo pensamento europeu dominante. Por isso, este Grupo é entendido enquanto

una manera diferente del pensamiento, en contravía de las grandes narrativas modernistas —la cristiandad, el liberalismo y el marxismo—, localizando su propio cuestionamiento en los bordes mismos de los sistemas de pensamiento e investigaciones hacia la posibilidad de modos de pensamiento no-eurocéntricos (Escobar, 2003, p. 54).

Nessa direção, esta reflexão permite retirar a cortina de fumaça que oculta e desvirtua os conhecimentos, as formas de viver, as culturas, as organizações sociais e as histórias dos povos que foram silenciados. Defende o direito de mover-se social, cultural, epistêmica e politicamente em um mundo distinto do mundo moderno/eurocêntrico.

Seguindo essa linha de pensamento o Feminismo Latino-americano surge dos reclamos das mulheres da Abya Yala que historicamente foram vistas como incapazes de construir epistemologias enraizadas em seus territórios. O referido Feminismo encontra-se em construção de uma genealogia do pensamento produzido desde as mulheres latino-americanas racializadas e subalternizadas. Dialoga com epistemologias geradas por intelectuais e ativistas, ao realizar uma virada epistêmica no intuito de desconstruir a matriz de poder fundada com o nascimento do Sistema mundo colonial/moderno.

O Feminismo Latino-americano dialoga com os Estudos Pós-coloniais na medida em que realiza rachaduras epistêmicas ao denunciar as formas de exploração e de opressão sofridas pelos povos da Abya Yala durante o processo de colonialismo e que ainda permanecem através das heranças coloniais. Destacamos que as mulheres durante o processo de colonização colonialismo foram exploradas duplamente: por ser mulher e por ser de raças classificadas e hierarquizadas como



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

inferiores, neste caso, índias e negras. O Feminismo Latino-americano tem suas bases epistêmicas fundadas em distintas experiências, sendo elas:

los movimientos indígenas, afros, de mujeres, feminismo de color en los Estados Unidos (EE UU), feminismo antirracista, feminismo autónomo, movimiento de carácter mixto, generacionales, como Hijos e Hijas por la Memoria y contra la Impunidad, Incite! Women of Color Unite, movimientos radicales de la disidencia sexual, entre otros (Espinosa Miñoso; Gomez; Lugones; Ochoa, 2013, p. 403, 404).

Estas experiências estão ancoradas em contextos específicos da Abya Yala, estão fundadas em corpos e territórios distintos que constituem contextos históricos nos quais as feministas descoloniais realizam os seus quefazeres (Freire, 1996). Segundo Espinosa Miñoso (et al. 2013), o Feminismo Latino-americano Descolonial diz respeito a uma transformação radical da relações sociais de poder que oprimem e subordinam as mulheres indígenas, afro e mestiças pobres na Abya Yala. Tal transformação busca a afirmação da vida das mulheres racializadas.

Nessa direção, o Feminismo Latino-americano empreende rupturas epistêmicas com o Feminismo Hegemônico, surge com a ilustração através de uma ideia de história linear e eurocêntrica, este tem negado e ocultado outros lugares-tempos em que mulheres se colocam contra o patriarcado.

Segundo Paredes (2011), o patriarcado moderno/colonial é um sistema de morte construído historicamente sobre o corpo das mulheres, este engloba costumes, tradições, normas, hábitos, ideias, símbolos, leis, entre outros. Deste modo, o patriarcado moderno/colonial determina, naturaliza e universaliza papéis e lugares das populações, mulheres e homens em diferentes tempos e lugares.

O patriarcado moderno/colonial atinge a todas as mulheres, mas de formas e intensidade distintas de acordo com o contexto histórico, cultural, social, político e econômico de cada realidade. De acordo com Paredes (2011),



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

el Patriarcado, se recicla y se nutre de los cambios sociales y revolucionarios de esta misma humanidad. Afina sus tentáculos, corrige sus formas brutales de operar y relanza las opresiones con instrumentos cada vez mas sutiles y difíciles de detectar y responder (p.6).

Na década de 1990, o patriarcado se reestrutura através da institucionalização dos movimentos sociais, dentre estes, o Feminismo Latino-americano, visando com isso despolitizar os movimentos feministas na luta por libertação das opressões sofridas, via patriarcado. A institucionalização dos movimentos feministas refere-se a processos de cooptação de mulheres feministas para assumirem cargos dentro das Organizações não governamentais (ONG). Segundo Paredes (2011), isto aconteceu sob o lema do "empoderamento" das mulheres latino-americanas racializadas, que se daria através do acesso ao mercado de trabalho. Tal "empoderamento" se deu por meio da escolarização técnica das mulheres visto como forma de revolução. Contudo, a incorporação das mulheres ao mercado de trabalho é desigual, haja vista que as hierarquias entre homens e mulheres permanecem, por exemplo, quando as mulheres latino-americanas racializadas ocupam os mesmos cargos que homens, mas seus salários são menores.

A institucionalização dos movimentos sociais feministas trouxe como categoria central de análise Gênero. Categoria esta ao ser entendida dentro de um olhar eurocêntrico-moderno, limita as relações de opressões pautadas apenas pelo olhar das desigualdades entre homens e mulheres, silenciando as desigualdades de classe, de raça e de sexualidade. Segundo Valdivieso (2014), "el "género" no es suficiente para entender la situación de las mujeres negras, indígenas o mestizas, como tampoco para comprender las relaciones de subordinación que se dan entre mujeres por razones de clase" (p. 28). Nesta linha de raciocínio, a categoria gênero perde o seu potencial político ao homogeneizar as relações de poder, desconsiderando os contextos em que as relações de gênero ocorrem.

A partir desta institucionalização dos movimentos sociais, surge em contraposição o movimento feminista autônomo que levanta a bandeira pela autonomia das mulheres, esta entendida "en primera instancia desde la autonomía de nuestros cuerpos de mujeres y hombres y de nuestras decisiones, remarcamos aquí la autonomía del cuerpo y las decisiones de las mujeres" (Paredes, 2011, p. 14).



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Assim, a luta pela autonomia das mulheres caminha para Despatriarcalização (Paredes, 2011) entendida como um processo que visa romper com o sistema de dominação sobre o corpo das mulheres, o patriarcado.

### **Diálogo entre os Estudos Pós-coloniais e o Feminismo Latino-americano**

A expansão marítima mercantilista iniciada por volta de 1492 empreendida, principalmente, pelos portugueses e espanhóis foi espaço/tempo para a constituição e a difusão da racionalidade moderna/eurocêntrica, ou seja, a modernidade (Dussel, 1994). A invasão das terras "descobertas" instalou e determinou uma organização social, cultural, política e econômica de exploração e de dominação sobre os povos que ali estavam e dos que mais tarde foram sequestrados da África.

A invasão da Abya Yala resultou na instauração arbitrária de uma nova ordem de poder, direta e formal, de um povo "soberano", o europeu, sobre os povos que foram inferiorizados índios e negros. Além disto, este contexto de colonialismo espalhou-se por meio da colonização dos povos e das culturas dominadas em toda América e, posteriormente, no mundo. A colonização é uma etapa do colonialismo na qual se dá a imposição de um modelo único e universal de conhecer, de trabalho e de cultura legitimadas como avançadas e superiores sustentadas por um ideal de sujeito branco, europeu, heterossexual, cristão (Quijano, 2005) e masculino (Silva, 2014).

O modelo eurocêntrico de dominação e de exploração, empreendido com a invasão da Abya Yala, sustenta-se em dois pilares fundamentais: a Racionalização e a Racialização. O primeiro diz respeito à hegemonia dos conhecimentos produzidos pelos europeus e das formas de produção, sendo considerados os únicos detentores e legitimadores de epistemologias válidas. O segundo dá-se com a construção mental da ideia de raça, que classifica e hierarquiza os povos em raças superiores e inferiores e mais especificamente em: brancos, índios, negros, mestiços e posteriormente em amarelos. Esta hierarquização e classificação distribuem lugares e papéis sociais de cada sujeito, grupo social e povo no sistema de dominação/exploração mundial (Quijano, 2005).



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Destacamos que o Feminismo Hegemônico do Norte e do Sul<sup>4</sup> têm reproduzido a lógica de dominação instaurada com o colonialismo, tendo em vista que enxergam as mulheres latino-americanas através dos olhos do colonizador branco, europeu, heterossexual e cristão. Isto ocorre quando as mulheres da América Latina são tratadas como objeto de estudos e não como sujeitas produtoras de suas experiências históricas, políticas e epistemológicas. Segundo Mohanty (2008),

esta mujer promedio del tercer mundo lleva una vida esencialmente truncada debido a su género femenino (léase sexualmente constreñida) y su pertenencia al tercer mundo (léase ignorante, pobre, sin educación, limitada por las tradiciones, doméstica, restringida a la familia, víctima, etc.). Esto, sugiero, contrasta con la autorepresentación (implícita) de la mujer occidental como educada, moderna, en control de su cuerpo y su sexualidad y con la libertad de tomar sus propias decisiones”(p. 5).

Nesta linha de raciocínio, o Feminismo Hegemônico do Norte e do Sul reproduz a lógica da racionalização e da racialização, visto que estabelecem uma hierarquização entre mulheres civilizadas (europeias) e mulheres não civilizadas (latino-americanas). Esta hierarquização autoriza as mulheres europeias/eurocentradas a intervir com a sua missão civilizadora colonial/moderna, culminando na subalternização política e epistêmica das mulheres latino-americanas racializadas.

Mesmo com a “descolonização” da América, ao deixar de ser colônia, o padrão mundial de poder moderno/colonial/patriarcal/capitalista/eurocêntrico não findou, ao contrário, permanece até a atualidade. Este encontrou novas formas de se travestir, para conservar a sua dominação através da colonialidade que

se funda en la imposición de una clasificación racial/étnica/**sexual/gênero** de la población del mundo como piedra angular de dicho patrón de poder y opera en cada uno de los planos, ámbitos y dimensiones, materiales y subjetivas, de la existencia social cotidiana y a escala societal (Quijano, 2000, p. 342, grifo nosso).

---

<sup>4</sup> Destacamos o uso dos termos "Norte e Sul" no intuito de evidenciarmos que o local geográfico não, necessariamente, corresponde ao lugar epistêmico, visto que feministas do Norte incluem as do Sul localizadas geopoliticamente no Norte (Espinosa Miñoso, 2009).



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

A colonialidade é um processo arbitrário de dominação/exploração no qual o ideário colonial penetra as estruturas sociais tanto na dimensão material quanto na dimensão imaterial dos povos subjugados. Para Quijano (2005), há três eixos da colonialidade: do poder; do saber e do ser.

A colonialidade do poder refere-se à hierarquização racial dos povos entre inferiores e superiores, o que determina a distribuição e o controle do trabalho dos povos subalternizados mundialmente. A colonialidade do poder produz e reproduz dicotomias entre povos superiores e povos inferiores, no caso das mulheres do primeiro mundo (superiores) e das mulheres do terceiro mundo (inferiores).

A colonialidade do saber implica na negação e na invalidação dos conhecimentos dos não-europeus. Esse eixo da colonialidade legitima uma razão que produz conhecimento hegemônico/eurocêntrico e universal, por isso, válida. Como os povos subalternizados são tidos enquanto: primitivos, irracionais, iletrados e sem cultura, não são capazes de terem epistemologias válidas que produzam conhecimentos verdadeiros.

Essas manifestações da colonialidade se consolida na colonialidade do ser que denota a internalização da subalternidade do não-europeu, que passa a aceitar a imagem do colonizador como sua, ocultando a dominação colonial, o que Freire (2005) denomina da condição do oprimido enquanto hospedeiro do opressor. É o que tem ocorrido com o Feminismo Hegemônico do Sul ao utilizar-se unicamente das teorias do Feminismo Hegemônico do Norte, subalternizando as teorias produzidas desde o território da Abya Yala. “Assim, forja-se uma relação de, no máximo, imitação dos sujeitos inferiores em relação aos modos de ser dos sujeitos classificados como superiores” (Silva; Silva, 2014).

Desse modo, o Feminismo Hegemônico do Norte e do Sul reforçam a colonialidade, visto que negam e/ou silenciam “el racismo, la pobreza, la destitución, la deshumanización de la mujeres indígenas, afro y no blancas en general” (Espinosa-Miñoso, et al. 2013, p. 413). Desvelar o racismo, o etnocentrismo e o privilegio epistêmico do Feminismo Hegemônico do Norte e do Sul é tarefa fundante do Feminismo Latino-americano, haja vista que as realidades, os anseios e as necessidades das mulheres Latino-americanas não são as mesmas das mulheres europeias e estadunidenses.



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Desta feita, as mulheres subjugadas pela colonialidade resistem à dominação colonial afirmando-se como sujeitas de direito e epistêmicas, que evidenciam o seu lugar enquanto lócus de enunciação epistemológica, política e cultural, contrapondo-se aos laços de dominação impostos pelo invasor.

As resistências à dominação colonial decorrem na constituição da diferença colonial, que busca fraturar a estrutura de dominação colonial e ao fraturá-la ganhar espaço para a valorização e a legitimação dos seus conhecimentos. Segundo Mignolo (2011),

la diferencia colonial crea condiciones para el desarrollo de situaciones dialógicas en las que una enunciación fracturada es representada desde la perspectiva subalterna como una respuesta al discurso y a la perspectiva hegemónica (p. 9).

As feministas descoloniais têm realizado o revide epistêmico através de rupturas políticas e epistemológicas, na medida em que articulam raça, etnia, classe e sexualidade como categorias constitutivas da colonialidade. No caso do Feminismo Latino-americano,

la descolonización para nosotras se trata de una posición política que atraviesa el pensamiento y la acción individual y colectiva, nuestros imaginarios, nuestros cuerpos, nuestras sexualidades, nuestras formas de actuar y de ser en el mundo y que crea una especie de “cimarronaje” intelectual, de prácticas sociales y de la construcción de pensamiento propio de acuerdo a experiencias concretas (Curiel, 2009, p. 3).

Assim, descolonizar-se é liberar-se das amarras imperiais que situam as mulheres latino-americanas racializadas como vítimas passivas a opressões e explorações, impostas pelo patriarcado colonial-moderno. Os reclamos do Feminismo Latino-americano tem o intuito de resgatar as histórias de mulheres que historicamente foram excluídas, marginalizadas e silenciadas, pelo ideário eurocêntrico de sujeito universal, branco, heterossexual e cristão (Paredes, 2010) e masculino (Silva, 2014).

Para tanto, o Feminismo Latino-americano questiona a geo-política e a corpo-política do conhecimento (Grosfoguel, 2008). A geo-política do conhecimento refere-se às epistemologias hegemônicas da modernidade que são condizentes com os interesses geográficos e políticos do



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Norte (Silva, 2014; 2015). O lugar geográfico não diz respeito, necessariamente, ao lugar de produção epistêmica, haja vista que é possível adotar epistemologias produzidas no Norte e pertencer ao Sul subalternizado (Silva, 2014, 2015). A corpo-política do conhecimento diz respeito à epistemes hegemônicas do Norte constituídas por meio da superioridade de gênero, de raça, de classe e de sexualidade, visto que estabelece como sujeito produtor de epistemologias válidas o homem, branco, burguês, heterossexual e cristão.

Neste íterim, o Feminismo Latino-americano denuncia por meio do revide epistêmico, que a geo-política do pensamento feminista latino-americano esteve historicamente sobre os domínios do Feminismo Hegemônico do Norte. Em relação a ego-política do conhecimento, esta permaneceu sobre os domínios de mulheres brancas, burguesas e heterossexuais. O revide epistêmico do Feminismo Latino-americano ocorre com a ruptura do lugar de produção de conhecimento e de quem dita o que é conhecimento válido.

### **Conclusões**

Através do diálogo entre os Estudos Pós-coloniais e o Feminismo Latino-americano, percebemos que em ambas teorias têm empreendido rupturas políticas e epistêmicas com o eurocentrismo. Deste modo, estas teorias assinalam para a necessidade de recuperar e valorizar os saberes ancestrais, isto é, descolonizar-se dos moldes eurocêtricos universais de sujeito, de saber, de cultura, entre outros.

Nessa direção, o referido Feminismo busca pela descolonização dos corpos das mulheres. Para isto, concebe o patriarcado enquanto um sistema de dominação instaurado com o processo de colonialismo e colonização da Abya Yala, que sobrevive atualmente através de heranças patriarcais presentes em todas instâncias da vida sejam elas relacionadas a relações sociais interpessoais, econômicas, políticas, educativas, dentre outras.

Assim, entendemos que o Feminismo Latino-americano é constituído por meio de processos de: a) confrontação, na medida em que questiona as categorias mulher universal e gênero, desvelando a colonialidade presente no Feminismo Hegemônico do Norte e do Sul; b) desconstrução, visto que as mulheres latino-americanas passam a desmontar as teias que as



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

oprimem e as colocam em uma posição de consumidoras da epistemologia do Feminismo Hegemônico do Norte e do Sul e; c) construção, uma vez que as mulheres latino-americanas racializadas passam a recuperar as experiências políticas e epistemológicas de suas ancestrais na construção de um Feminismo desde a Abya Yala (Paredes, 2010).

Em suma, ressaltamos, ainda, que ambas as teorias nos mostram correlações entre seus conceitos que nos ajudam a olhar para as mulheres latino-americanas racializadas não como vítimas, mas como protagonista de lutas por libertação do sistema de morte que é o patriarcado. Além disso, tais aproximações caminham para a compreensão de processos de descolonização que no caso do Feminismo acontece por meio da despatriarcalização.

## **Referências**

Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Curiel, O. (2009). *Descolonizando el Feminismo: una perspectiva desde America Latina y el Caribe. Primer Coloquio Latinoamericano sobre Praxis y Pensamiento Feminista*, realizado en Buenos Aires en junio de 2009.

Dussel, H. (1994) *1492: El Encubrimiento del Otro: hacia el origen del "mito dela modernidad*. Plural Editores. La Paz.

Escobar, A. (2003). *Mundos y conocimientos de otro modo: el programa de investigación de modernidad/colonialidad latinoamericano*. Tabula Rasa. Colombia, n. 01, p. 51-86.

Espinosa Miñoso, Y. (2009). *Etnocentrismo y Colonialidad en los Feminismos Latinoamericanos: complicidades y consolidación de las hegemonías feministas en el espacio transnacional*. *Revista Venezolana de Estudios de la Mujer*, Julio/Diciembre. Vol. 14. N° 33 - Pp. 37-54.



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Espinosa-Miñoso, Y. (2014). Una crítica descolonial a la epistemología feminista crítica. *El Cotidiano*, marzo-abril.

Espinosa Miñoso, Y., Gomez, D., Lugones, M., Ochoa, K. (2013). Reflexiones Pedagógicas en torno al Feminismo Decolonial: una conversa en cuatro voces. En Walsh, C. (Org.). *Pedagogías Decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir*. Serie Pensamiento decolonial. Quito-Ecuador: Ediciones Abya-Yala.

Freire, P. (2005). *Pedagogia do Oprimido*, 28<sup>a</sup> ed. São Paulo, SP.

Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.

Grosfoguel, R. (2008). Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.80, Março 2008, p. 115-147.

Paredes, J. (2010). *Hilando fino desde el feminismo comunitario*. Mujeres creando comunidad. La Paz.

Paredes, J. (2011). *Una sociedad en estado y con estado despatriarcalizador*. Cochabamba: Diciembre.

Mignolo, W. (1996). *Herencias coloniales y teorías postcoloniales*. Biblioteca Virtual de Ciencias Sociales. Disponible em: <[www.choconautas.edu.pe](http://www.choconautas.edu.pe)>. Acesso em: 25 abr. 2012.



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Mignolo, W. (2011). *Historias locales/diseños globales: colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo*. Ediciones Akal, S. A.

Mohanty, C. T. (2008). Bajo los ojos de occidente. En: Navaz, L. S., Hernández, A. (eds): *Descolonizando el Feminismo: teorías y prácticas desde los márgenes*, ed. Cátedra, Madrid.

Porto-Gonçalves, C. W. (2009). Entre América e Abya Yala – tensões de territorialidades. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, n. 20, p. 25-30, jul./dez. Editora UFPR.

Quijano, A. (2005). Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. En: Lander, E. (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Setembro.

Quijano, A. (2000). Colonialidad del Poder y Clasificación social. En: Wallerstein, I. *Journal of world systems research*, v.2. California.

Silva, J. F. (2015). Sentidos de Avaliação da Educação e no Ensino e no Currículo na Educação Básica através dos Estudos Pós-Coloniais Latinoamericanos. *Espaço do Currículo*, v.8, n.1, p.49-64, Janeiro a Abril.

Silva, J. F. (2014). Sentidos da Educação na Perspectiva dos estudos pós-coloniais latino-americanos. En: Martins, P. H., Silva, M. A., Lira, B. F., Leão, E. L. S. *Guía sobre post-desarrollo y nuevos horizontes*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Estudios Sociológicos Editora.

Silva, F. G. P., Silva, J. F. (2014). A Crítica Decolonial das Epistemologias do Sul e o Contexto de Constituição das Coleções Didáticas do PNLD-Campo/2013. *Realis*, v.4, n. 02, Jul-Dez.



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina  
La sociología en tiempos de cambio

Vala, J. (1986). A Análise de Conteúdo. In: Silva, A. S.; Pinto, J. M. (Org.). *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Edições Afrontamento.

Valdivieso, M. (2014). Otros tiempos y otros feminismos en América Latina y el Caribe. En. Carosio, A. *Feminismos para un Cambio Civilizatorio*. Fundación Celarg. Clacso centro de estudio de la mujer. Caracas-Venezuela.